

Filogênese na metapsicologia freudiana



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ÁLVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

EDUARDO GUIMARÃES

Fernanda Silveira Corrêa

*Filogênese na
metapsicologia freudiana*

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

C817f Corrêa, Fernanda Silveira, 1963-
 Filogênese na metapsicologia freudiana / Fernanda Silveira Corrêa. –
 Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Psicanálise. 3. Filogênese. 4. Metapsicologia. 5. Sexologia. 6. Cultura. I. Título.

CDD - 150.1952
 - 306.7
 - 301.2

ISBN 978-85-268-1326-7

Índices para catálogo sistemático:

1. Freud, Sigmund, 1856-1939	150.1952
2. Psicanálise	150.1952
3. Filogênese	150.1952
4. Metapsicologia	150.1952
5. Sexologia	306.7
6. Cultura	301.2

Copyright © by Fernanda Silveira Corrêa
Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para meus queridos Nivaldo e Sofia.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, professor Luiz Roberto Monzani, sem o qual não teria escrito este livro, que muito me ensinou de Freud e cuja paciência me possibilitou levar às últimas consequências minhas ideias e dar forma a elas. Ao professor José Francisco Miguel Bairrão, quem primeiro me mostrou a importância de ler Freud com maior rigor e fundamentação filosófica, cujas observações me ajudaram a me apropriar de minhas ideias, e pelo belo Prefácio deste livro. Ao professor Oswaldo Giacoia, que me apontou a importância de Nietzsche para a compreensão de Freud. Ao professor Osmyr Faria Gabbi Junior, com quem muito aprendi sobre Freud e sobre a história filogenética. À professora Carlota Ibertis, ao professor Richard Simanke e à professora Fátima Caropreso, pelas importantes observações na defesa de meu doutorado e pelo incentivo à publicação.

Agradeço a Nivaldo Ferraz, que acompanhou pacientemente a construção deste texto, sempre lendo e me auxiliando, e a Dora Silveira Corrêa Montero, pela atenta leitura e pelas correções do texto.

Sumário

<i>Nota ao leitor</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
<i>Introdução</i>	17
1. “XII ensaio metapsicológico” e a história filogenética hipotética.....	47
2. <i>Angústia de anseio</i>	109
3. <i>Sexualidade perversa</i>	137
4. <i>Inteligência, linguagem, domínio da realidade,</i> <i>constituição das hordas</i>	179
5. <i>Horda primitiva: Castração, hipocondria, posição</i> <i>passivo-masquista</i>	217
6. <i>Amor homossexual, o amor pelos iguais</i>	261
7. <i>Identificação com o pai primitivo e retorno do ódio</i> <i>contra si mesmo</i>	303
<i>Conclusão</i>	357
<i>Referências bibliográficas</i>	375
<i>Índice remissivo</i>	383

Nota ao leitor

É necessário um esclarecimento a respeito das citações que faço das obras de Freud. A obra principal que analiso – *Übersicht der Übertragungsneurosen* (“Visão geral das neuroses de transferência”) – foi traduzida em 1987 por Abram J. Eksterman e publicada pela Editora Imago com o título *Neuroses de transferência: Uma síntese (manuscrito recém-descoberto)*. Utilizo essa tradução, colocando entre colchetes uma tradução alternativa de alguns termos, para manter um padrão de tradução com as outras obras de Freud utilizadas. Na primeira vez que proponho a tradução alternativa, indico em nota de rodapé o termo em alemão.

As citações da obra *Projeto de uma psicologia* são da tradução realizada por Osmyr Faria Gabbi Junior, de 1995, publicada pela Editora Imago. Também entre colchetes estão as traduções alternativas, como, por exemplo, “investimento”, e não “ocupação”, da tradução de *Besetzung*; “descarga”, em vez de “eliminação”, da tradução de *Abfuhr*. Também em nota de rodapé está indicada a palavra alemã traduzida na primeira vez que proponho a tradução alternativa.

As obras traduzidas por Paulo César de Souza, publicadas pela Companhia das Letras na coleção *Obras completas*, serão utilizadas mantendo o mesmo padrão (a tradução alternativa entre colchetes e a nota com o termo alemão traduzido na primeira vez em que ele aparece). Aqui cabe observar a escolha de “impulso” em vez de

“instinto”, para traduzir *Trieb* (cf. Introdução, n. 7), e “representação” em vez de “ideia”, para traduzir *Vorstellung*.

As obras que não foram traduzidas por Paulo César de Souza, com exceção dos dois textos citados acima (“Visão geral das neuroses de transferência” e *Projeto de uma psicologia*), eu mesma traduzi – por exemplo, *A interpretação dos sonhos*, *Três ensaios para a teoria sexual*, *Estudos sobre histeria*, *O caso Dora*, entre outras –, e a referência bibliográfica é da edição alemã *Studienausgabe*.

A grande quantidade de citações (e às vezes repetições) visa explicitar o raciocínio freudiano nas suas entranhas. Espero que esse objetivo se cumpra e que tenham uma boa leitura!

Prefácio

José F. Miguel H. Bairrão

Este livro, originalmente uma tese de doutorado, é uma magnífica realização de uma tradição em epistemologia da psicanálise que consiste em, mediante o meticuloso uso do bisturi do discernimento intelectual na matéria do texto, desapeadamente de convicções prévias e sem a preguiça de reduzir os originais psicanalíticos a pretextos para a ilustração de doutrinas filosóficas diversas, surpreender-nos com a revelação de construtos teóricos ou a sugestão de hipóteses que se depreendem de um exame fino do imbricamento entre textos, mas, por terem passado despercebidos ou não haverem sido postos em destaque com a devida nitidez, nos atingem com o peso de uma novidade e somente mediante um esforço de leitura que ultrapassa os limites de uma historiografia *stricto sensu* cronológica, atenta à concatenação lógica que pontua a presença de lacunas subjacentes à concatenação superficial das frases, que requerem soluções e o seu hipotético preenchimento mediante o confronto e intercâmbio entre textos, sem concessão a modismos nem a “censura” de hipóteses e conceitos supostamente incômodos por menos palatáveis a padrões contemporâneos.

Trabalho de muitos anos, este livro não se atém a recortes cronológicos. Simplesmente mobiliza a totalidade da obra para expor a articulação entre ontogênese e filogênese, nas suas nervuras mais delicadas.

Está em jogo o entrelaçamento entre ontogênese e filogênese na compreensão das psicopatologias, por meio, principal mas não exclusivamente, do cotejamento entre *Totem e tabu* e o décimo segundo manuscrito metapsicológico. Porém o que mediante esse procedimento se encontra tem claramente um alcance mais radical.

O recurso à hipótese de preservação de uma memória filogenética, ainda que o seu ponto de partida tenha sido a exigência de solucionar desafios à teoria psicanalítica suscitados pela clínica, amplia-se além do foco no patológico e resulta imprescindível para uma compreensão da psicologia humana normal, via história da espécie.

Em última instância, a psicologia psicanalítica praticada em consultórios surge como indistinta do que deveria ser um entendimento da psicanálise como uma espécie de ciência social e histórica: cada psique individual é percorrida pela história e experiência coletiva de toda a humanidade. Nessa medida, a psicologia (psicanalítica), comumente concebida como tributária e dependente de saberes provenientes do campo da biologia e das ciências sociais, muito pelo contrário assume um lugar privilegiado no campo da pesquisa social e histórica, uma vez que o método psicanalítico comportaria e possibilitaria uma espécie de arqueologia subjetiva, capaz de acessar camadas de deposição psíquica que poderiam ter preservado um retrato mais fiel de épocas remotas da experiência humana.

Dessa forma, outras disciplinas que polemizaram com a psicanálise e contestaram os usos feitos de algumas das suas descobertas por Freud e seus discípulos na realidade não se teriam dado conta de que o seu estatuto não é o de ciências auxiliares que possam ter sido mal compreendidas e portanto mal usadas. Pelo contrário, a psicanálise é que poderia provê-las de uma espécie de medida de validação das suas descobertas, pois seria por “dentro” do psiquismo que melhor e mais profundamente se prospectaria o mais arcaico da constituição da humanidade.

A genealogia do aparelho psíquico possibilitada pelo conhecimento das neuroses apresenta-nos a psicanálise como uma psicologia em que o psiquismo individual se alicerça em bases coletivas, e,

por sua vez, esse cunho social se enraíza numa espécie de memória histórica inscrita na própria forma do psiquismo.

Embora necessariamente especulativo, a meu ver o argumento, e um dos grandes méritos deste livro, abre caminho para uma revisão bem fundamentada e convincente do estatuto dos chamados textos sociais de Freud, que levaram alguns, talvez equivocadamente, a supor a psicanálise uma ciência social, entre outras.

Talvez sim, mas não como as outras.

Introdução

Eu tenho lidado [...] com fantasias que me perturbam [...]. O que agora são neuroses foram fases de estado da humanidade. Com a irrupção das privações dos tempos glaciais, os humanos tornaram-se angustiados, eles tinham todos os fundamentos para transformar libido em angústia. Quando aprenderam que a procriação era adversa à abstenção e precisava ser limitada, eles, ainda sem linguagem, se tornaram histéricos. Depois que eles, na dura escola dos tempos glaciais, desenvolveram a linguagem e a inteligência [...], formou-se a horda primitiva, com as duas proibições do pai primitivo, enquanto a vida amorosa egoísta-agressiva teve de permanecer. Contra esse retorno defende-se a neurose obsessiva. As neuroses seguintes pertencem à nova era e foram adquiridas pelos filhos. Eles foram primeiramente coagidos a desistir, sobretudo, do objeto sexual, eventualmente foram despojados pela castração de toda libido: demência precoce. Aprenderam então a se organizar sobre bases homossexuais, expulsos pelo pai. Contra isso, defende-se a paranoia. Finalmente eles dominaram o pai, levando a cabo a identificação com ele, triunfaram sobre ele e ficaram de luto por ele: mania-melancolia. (Carta de Freud a Ferenczi, 12 de julho de 1915)¹

Em 1915, durante a Primeira Guerra, com poucos pacientes, tempo livre e necessidade de abastecer com artigos as revistas especializadas de psicanálise (*Internationalen Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse* e *Imago*), Freud começou a escrever seus ensaios metapsicológicos. Eles seriam 12. Dos 12, apenas 5 foram publicados: *Os instintos* [impulsos] e *seus destinos* (1915), *A repressão* (1915), *O inconsciente* (1915), *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917) e

¹ Freud & Ferenczi, 1996 [1914-1916], p. 129.

Luto e melancolia (1917). O décimo segundo ensaio, *Übersicht der Übertragungsneurosen* (publicado como obra póstuma apenas em 1985) – que neste trabalho será traduzido por “Visão geral das neuroses de transferência” –,² foi enviado, em forma de manuscrito, em 28 de julho de 1915 (16 dias após a carta citada acima), para Ferenzi. No final do décimo segundo ensaio, analisando as disposições das neuroses de transferência, Freud inseriu hipóteses sobre a história da espécie humana referentes aos tempos glaciais e à horda primitiva.

Apesar de Freud não ter publicado o “XII ensaio metapsicológico”,³ e nele a história filogenética dos tempos glaciais e da horda primitiva, o que provavelmente aponta para o fato de o material não ter passado pelo crivo do próprio autor, essa história filogenética parece-me relevante, pois faz referência a alguns temas caros à teoria freudiana: refere-se às condições para a realização do suposto ato inaugural da cultura, o parricídio, e para a constituição da cultura; refere-se às relações entre filogênese e ontogênese, e às disposições constitucionais dos seres humanos. O fato de o ensaio não ter passado pelo crivo de Freud não me parece um argumento convincente a favor da sua pouca importância. Freud fez o mesmo com o *Projeto de uma psicologia* e hoje sabemos da importância desse texto para toda construção teórica, metapsicológica, posterior. Assim como o aparelho psíquico do *Projeto* permaneceu nos textos posteriores de Freud, mesmo deixando a referência aos neurônios, também acredito que a história dos tempos glaciais e da horda primitiva permaneceu em textos posteriores de Freud, mesmo sem seu apoio na geologia ou na antropologia física (no desenvolvimento dos antropóides). Do ponto de vista geológico ou de uma antropologia física, de fato, a história não tem qualquer interesse. Já do ponto de vista da antropologia cultural, filosófica, a história pode ser considerada um complemento às teses de *Totem e tabu*. Um complemento que apresenta as condições de possibilidade do ato inaugural da cultura

² Publicado no Brasil com o título *Neuroses de transferência: Uma síntese* em 1987.

³ Como Freud se referia à “Visão geral das neuroses de transferência”.

e de suas consequências. Assim como já apontou Ilse Grubrich-Simits (1987),⁴ a história da formação de traços fundamentais da condição humana, narrada no “XII ensaio metapsicológico”, como por exemplo a história da formação da linguagem, tem um estilo “violentamente simplificador”, “reducionista”, “parece mais com modelos de mitos do que com teoria científica”. O mesmo, no entanto, pode ser atribuído ao texto *Totem e tabu*. O próprio Freud considera a hipótese do parricídio seu “mito científico” (cf. *Psicologia das massas e análise do eu*). Mas sabemos da importância, por exemplo, atribuída por Lévi-Strauss, em *As estruturas elementares do parentesco* (1982), ao mito freudiano, que o resgata para a antropologia. A proibição do incesto, instituída no mito freudiano, é considerada uma necessidade estrutural que marca a passagem da natureza para a cultura.

Assim, acredito que dessa forma simplificadora, reducionista, capaz de condensar em uma única situação diversos elementos, Freud oferece-nos também, no “XII ensaio metapsicológico”, os elementos principais que organizam o indivíduo na cultura e que podem ser considerados estruturalmente necessários para ele.

No “XII ensaio metapsicológico”, no entanto, Freud não constrói sua genealogia a partir de uma comparação com outras culturas, como aparentemente teria feito em *Totem e tabu*, a partir da análise das sociedades primitivas. No “XII ensaio”, o autor é explícito: o material que constrói seus cenários é fornecido pelas diversas patologias, pelas neuroses (neuroses de transferência) e psicoses (neuroses narcísicas, como são chamadas nesse texto). Assim, o que possibilita a reconstrução da história da civilização, nesse caso, é aquilo que na nossa civilização resiste a ela. Em outras palavras, os elementos que não se adaptam à civilização são considerados elementos originais das disposições do homem civilizado. É, portanto, o arcaico em cada um de nós (já que a neurose apenas acentua o que existe em todos) que servirá como material para a construção da história da

⁴ Ilse Grubrich-Simits foi quem descobriu o “XII ensaio”, quando organizava para publicação a correspondência entre Freud e Ferenczi.

civilização. Apesar de inusitado, esse método de reconstrução é o mesmo que ocorre nos tratamentos psicanalíticos, nos quais a história de cada paciente é construída a partir dos elementos incoerentes de seu discurso. Os elementos da civilização que resistem a ela (expressos na doença psíquica), portanto, são aqueles que possibilitam a reconstrução da origem e do percurso que levou à civilização.

É de notar que esse método, de encontrar o arcaico da espécie a partir do indivíduo, ou melhor, do que escapa ao indivíduo (seus sintomas e sonhos), é legado à psicanálise pela autoridade de Nietzsche, que primeiramente reconheceu no sonho um fragmento antiquíssimo da humanidade. Assim, Freud em *Die Traumdeutung* (*A interpretação dos sonhos*), em um parágrafo inserido em 1919, escreve:

O sonhar seria no todo um pedaço de regressão às situações mais precoces do sonhador, uma revivificação de sua infância, dos movimentos do impulso que nela foram dominantes e dos modos de expressão que foram nela disponíveis. Atrás dessa infância individual nos é prometido um acesso à infância filogenética, ao desenvolvimento da espécie humana, a partir do qual o do indivíduo é efetivamente uma repetição abreviada, influenciada pelas circunstâncias casuais da vida. Presumimos como são acertadas as palavras de Nietzsche de que no sonho “uma parte antiquíssima da humanidade continua em exercício, à qual, por um caminho direto, dificilmente se poderia chegar”, e somos levados à esperança de, por meio da análise dos sonhos, chegar ao conhecimento da herança arcaica dos humanos, de neles conhecer o que é inato da alma. Parece que sonho e neurose conservaram para nós mais antiguidades da alma do que podemos supor, de modo que a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque entre as ciências que se esforçam para reconstruir as fases mais antigas e mais escuras do começo da humanidade.⁵

Portanto, segundo Freud, a psicanálise pode reivindicar uma posição de destaque dentre as ciências que se esforçam por reconstruir o começo da humanidade, pois, por meio da interpretação dos sonhos

⁵ Freud, 1982 [1900], *Stud.*, II, p. 524.